

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O museu e a espacialidade: uma questão ideológica.

Nome: Catherine Aparecida Oliveira Maia

NUSP: 7611780

Disciplina: CBD0247 – Introdução à Museologia – Período Noturno

Novembro/2014

São Paulo

O museu e a espacialidade: Uma questão ideológica

No presente trabalho é abordado o tema do museu como um local, antes de mais nada, de caráter ideológico. Em suas várias possibilidades de exprimir ideologia, pode-se destacar a maneira como as obras de arte são dispostas no espaço museológico. Pois muito embora, a um observador desatento, pareça que a maneira como a obra é exposta é de teor absolutamente trivial e aleatório, a realidade é que a maneira como você exhibe imprime uma determinada visão de mundo, direciona a experiência do público com a obra de uma determinada forma. Para ilustrar isso de uma maneira mais concreta, essa dissertação, abordará de modo conciso e em sua maioria as intervenções de Marcel Duchamp, por volta dos fins dos anos 60, que dialogam diretamente com a questão da exposição, explicitando essa faceta do potencial artístico, no qual a obra está diretamente ligada e dialogando com o meio onde está inserida. Também tem a proposta de se dividir entre três grandes aspectos sobre essa visão artística que abrange a intervenção: o questionamento da arte formal ou do “estatuto artístico”, as diferentes proximidades possíveis entre o público e obra e a arte enquanto potencial que cria um expectador potencial, aqui chamado de “homem-leitor” ou “visitante-leitor”.

Para começar, é válido lembrar que as exposições artísticas/museológicas vêm de uma tradição expositiva dos grandes salões da Europa ou melhor, das Grandes Exposições Universais promovidas no século XIX, nos quais as obras eram colocadas na parede, uma do lado da outra, separadas somente pelas molduras. E talvez aí já esteja escondido um aspecto ideológico de época importante: a obra com seu aspecto de *souvenir*, sem diferenciação ou destaque para nenhuma das várias pinturas emolduradas na parede a não ser por questão de tamanho (as menores ficavam embaixo, para facilitar a visualização, enquanto as maiores ficavam em cima, de modo que todos pudessem ver com mais clareza). Também pode se notar uma espécie de signo formal, o “estatuto artístico” que é conquistado pelo trabalho pictórico a partir do momento em que ele está em exposição, pregado em uma parede.

O modernismo foi o movimento artístico que se dignou de maneira mais incisiva no ataque à essa maneira tradicional de exposição. As contribuições interventivas de Duchamp até hoje suscitam boas reflexões sobre os paradigmas adotados em uma exposição. Por exemplo, a intervenção “Mil e duzentos sacos de carvão” pendurada no teto coloca em reflexão a questão do teto não ser mais objeto de exploração por artistas e curadores, bem como a “intervenção com a musa” no qual Duchamp e uma modelo jogam xadrez no meio do museu de Pasadena – que dentre outros aspectos - questiona o paradigma do “estatuto da arte” que seleciona arbitrariamente o que é arte e o que não é, o que pode ser colocado em uma exposição de arte ou não. E é pensando nisso que pode-se concluir que todas essas intervenções ao mesmo tempo que entram em colapso com essa ideia formal de arte, por sua vez, criam uma nova ideia na qual tudo o que está ao redor é possível de ser um signo artístico e que para além de uma questão puramente estética ou um domínio técnico sobre o território das artes visuais em geral, a arte busca, acima de tudo, um caráter reflexivo e questionador.

Não somente Duchamp (muito embora ele seja o mais conhecido, e o mais “clássico” ao se falar de intervenções dentro de um espaço expositivo ou museu), se aventurou em propostas novas para se pensar a arte em relação ao meio em que ela é exposta. Na inauguração do Museu de Arte de São Paulo, em 1968, as obras de arte eram colocadas numa espécie de placas de vidro de modo que somente houvesse espaço para a pintura em si e do lado reverso é que se guardavam informações sobre a mesma. Tal singelo gesto de descolar uma produção artística da parede para uma placa de vidro já diz muito sobre a reflexão que visa ser plantada no público. Na placa, o expectador poderia ter uma ideia precisa de como aquele quadro foi criado, criando uma espécie de intimidade entre obra e o público, à medida que não se propunha a um caráter meramente expositivo (como nos inícios da era dos Grandes Salões/Exposições Universais), tampouco uma ideia contemporânea e intimidadora cujo o contato com a obra passasse pelo distanciamento da parede e de suas inscrições contextuais sobre ela. O público, emancipado de seu caráter como expectador para um visitante-leitor, que está de tal maneira colocado ante a obra que é possível se pensar que a contemplação da mesma também culmine num *brainstorm* criativo. O homem-leitor empoderado para ter a sua percepção genuína sobre a arte. Sobre mais dessa potencial capacidade de se chegar ao assim chamado “homem-leitor”, pode-se citar outra intervenção de Duchamp, em uma exposição surrealista (O’Doherty, 2005), chamada de a “Milha de Fio” na qual 1.610

metros de fio contínuo perpassava todo o recinto, ao mesmo tempo que “cobrindo” cada parte e cantinho do espaço, concretizando uma ideia muito vista nos trabalhos artísticos surrealistas que continham uma forma de tensão, de desconforto que foi reproduzido pelo fio, concretamente. Logo, esse “homem-leitor”, pra além de ser capaz de interpretar e inventar a partir do que vê, também é capaz de entrar concretamente na essência de uma obra, por intermédio da intervenção no espaço.

Poderiam ser citadas aqui várias outras intervenções ou artistas que se propuseram a questionar essa esquecida possibilidade que existe entre a obra de arte e o local onde ela é exposta, no entanto, o genuinamente essencial e basal – que é a questão da arte colocada em cheque pela própria arte e pelos artistas no âmbito da espacialidade (que pode se tratar de uma galeria ou de um museu) -, pode se crer que esteja sutilmente esboçado nessa dissertação.

Bibliografia

O'DOHERTY, Brian. No Interior do Cubo Branco; a Ideologia do Espaço da Arte, São Paulo, Martins Fontes, 2002.